

UM NOVO "ATAQUE ESPECULATIVO"

"Ataque Especulativo" é um eufemismo terminológico com que todos os oficialismos latino-americanos têm manipulado a opinião pública encobrendo suas péssimas estratégias de gestão macroeconômica.

O fracasso da tentativa de "currency board", paridade entre moedas latinas com o dólar, vigente tanto na Argentina como no Brasil, respectivamente, com ampla conversibilidade ou de forma mitigada, abortou a manutenção de um "continuum" de base geopolítica.

A quebra deste sistema destruiu, pelo menos temporariamente, a condição mínima para o estabelecimento de um processo de simetria monetária que por sua vez induziria, paulatinamente, num processo de reengenharia econômica coadjuvada por intervenções cirúrgicas jurídicas, a simetria da produção e do tráfico comercial do Cone Sul através do Mercosul.

Eduardo Galeano, em *Veñas abiertas de la América Latina*, dizia que vivíamos com "las espaldas volvidas contra nosotros mismos" em virtude de que, como sub-sistemas (conforme a teoria esquecida de um Presidente) servíamos unicamente como corredores de exportação. Pela primeira vez a racionalização de mercado, com a implantação do regionalismo, permitiu um comércio intra-bloco que encostou na casa dos 22 bilhões de dólares. Com relação ao Brasil, uma radiografia das exportações, permitia ver, no entanto, que este comércio em 60% envolvia no máximo uma dezena de oligopólios internacionais ou a estes associados, sendo que os restantes 40% eram divididos entre médios, pequenos e micros nacionais. Expurgados os defeitos do sistema, que não são poucos, este comprovou no entanto, que propicia a tão necessária capilaridade para integrar as economias antes desconectadas.

Robert Mundell, economista canadense e professor da Universidade de Columbia (<http://columbia.edu/~ram15/oatoc.html>) recentemente ganhou o prêmio Nobel de Economia manifestando, em seu largo acervo teórico, a necessidade da existência de "áreas monetárias favoráveis" como a do Mercosul, através da implantação do que se traduz no conceito de simetria que substituiria a assimetria macroeconômica, tanto monetária como da planta produtiva. A arquitetura do euro é inspirada em suas teorias.

Ora, com a quebra da simetria econômica induzida monetariamente, falhou também a tentativa de implantação de um mercado americano de norte a sul através da ALCA. Fracassando a política norte-americana representada pelo dólar, de expandir suas fronteiras, impossibilitou-se o seu confronto competitivo, através de vantagens de escala, dentro da "tripolaridade tectônica monetária", representada pelas outras duas "placas", o yen e euro, que desequilibraria o sistema em seu favor.

Esta é a visão de um cenário monetário internacional inteiramente volátil que sofre uma interação sistêmica alternante em que qualquer afetação em uma das três moedas influencia diretamente as cotações e os sistemas macroeconômicos dos dois sistemas restantes. Coadjuvando o sistema do dólar americano, está ainda, a moeda chinesa, cujas oscilações poderão debilitar ainda mais o sistema do dólar refletindo-se no aumento dos juros, na oscilação do Dow Jones, periclitando ainda mais a instabilidade da "bolha inflacionária americana" agravada pelo forte refluxo cumulativo de capitais fugidos dos terremotos dos Tigres, da Rússia e do Brasil e que amontoam-se sobrevalorizando os ativos financeiros americanos.

Partindo de uma pretensa simetria mal administrada em que ao globalismo faltou fôlego, voltamos a um sistema de assimetria agravada. O processo de internacionalização e racionalização dos fluxos sofre uma débâcle séria sendo que os seus empreendimentos ficam virtualmente "encerrados" sobre a restauração da "bolha de soberania" dos países, transformando-se a zona de continuum alfandegário, numa zona de batalha de retaliações comerciais. A "guerra confederativa externa" introjeta-se mesmo dentro da soberania tendo seus efeitos emulativos na "guerra entre os próprios entes federativos" dos estados componentes do sistema regional.

O que resta, além da assimetria monetária resultante, causada pela máxi brasileira que desconectou o mercado, é um cenário profundamente debilitado e agravado por déficits, default's públicos e privados, onde convivem os refluxos de capitais de investimento para financiar as contas correntes (hot and smart money), reversão de expectativas com relação às exportações em virtude das quedas nos preços das commodities, etc.

O quadro pictórico atual é este: O Equador sofreu um default com relação a renegociação de suas bradies. O Peru, da mesma forma, sinalizava em vermelho. Bolívia, Paraguai e Venezuela vão daquele jeito. O Chile não tem conseguido controlar o seu câmbio sendo que o Brasil, em função dos sinais vermelhos que partem de sua vizinhança e em razão dos índices negativos de sua macroeconomia, sinaliza da mesma forma com desvalorização cambial. A Argentina, pelo que tudo indica, após as eleições será "a bola da vez" onde se acenderá o rastilho que contaminará o restante do sistema que está arfante. Recentemente um alto funcionário da Alfândega, Martinez Pardies, questionou as estatísticas argentinas no sentido de que estavam sendo maquiados os dados macroeconômicos (GM 15.10 pág. A-12). Sua dívida externa disparou e alcançou a cifra de 139,7 bilhões, com um rombo da balança comercial em torno de 5 bilhões (GM Latina 17.10 -pág.25). Nenhum país pode conviver por muito tempo num regime de estagnação econômica o que forçará uma maxi-desvalorização do currency argentino que irá, no mínimo, para dois por um. É sabido, que em períodos eleitorais os governos preferem queimar divisas, como se fez no caso brasileiro onde foram torradas divisas equivalentes a 70 bilhões de dólares para manter a "estabilidade" do real, até que o candidato oficial ganhasse o páreo. As populações condicionadas por um escudo de psico-condicionamento subliminar, engolfadas por um marketing massivo, acordam lentamente. Sabe-se, de antemão, que o México, para as eleições do ano que vem irá receber do FMI, um empréstimo ponte para poder passar pelo período eleitoral sem nenhum "ataque especulativo".

Os índices dos termômetros econômicos do mundo já estão sinalizando em vermelho: O petróleo subiu em menos de meio ano mais de 100%, os índices são piores do que 1973 quando da crise petrolífera; o ouro ultrapassou a barreira simbólica dos US\$300; Alain Greenspan, do FED, a mais de ano e meio tem advertido sobre a sobrevalorização dos papéis e continua em seu périplo; o processo de fusão dos oligopólios, para diluir perdas, continua trilhonário; o mercado secundário de Bradies está sem fôlego e para agravar tudo isto, a América Latina inteira é um barril de pólvora frente aos rombos públicos e privados que emulam a força de um grande "black-hole"; sem se falar no "bug do milênio" que na realidade serviria de "justificativa", como uma enzima catalizadora para dar o processo de "start" ao grande "crack" que se aproxima contaminando tudo como um rastilho sistêmico.

Certamente o timoneiro que nos colocou em rota de colisão, exclamará como Luís XV: Après moi le déluge (Depois de mim, o dilúvio) e fechará a porta da história sobre os restos do país como Gorbachov o fez. Quo usque tandem abutere, Catilina, patientia nostra ?

Sérgio Borja

Professor Universitário

e-mail: borja@pro.via-rs.com.br

borja6@hotmail.com

telefones: 2 23 26 10 e 9808 37 06

PUBLICADO NA GAZETA MERCANTIL DE 4.11.99 – QUINTA FEIRA